



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante
cerimônia de abertura da reunião de trabalho dos dirigentes e executivos
da Caixa Econômica Federal**

Brasília Alvorada Hotel - Brasília-DF, 15 de dezembro de 2009

Me ensinaram lá na minha terra que, numa ocasião como esta, falar sentado faz perder a eleição. É verdade que eu não sou candidato a nada, mas nunca se sabe, não é?

Minha querida presidente da Caixa Econômica Federal, Maria Fernanda Ramos Coelho,

Minha primeira palavra é de um grande abraço e congratulações a toda a Caixa Econômica, por seu intermédio. E trago também, Maria Fernanda, a palavra do presidente Lula, que não pôde estar aqui hoje. Como você mesma já comunicou, ele está em Copenhague, ele está chegando a Copenhague, saiu hoje de manhã daqui, às 8h da manhã.

Eu até não poderia vir, porque eu fui a São Paulo hoje para fazer quimioterapia, e quimioterapia traz efeitos colaterais que às vezes atrapalha. A gente fica meio febril, às vezes esquece as coisas, é um negócio. Mas tinha até feito uma mensagem para a Maria Fernanda, justificando a minha ausência. Acabei podendo chegar a tempo, então não podia deixar de vir até aqui para trazer o meu abraço especial a vocês.

No momento em que vocês examinam aquilo que aconteceu em 2009, que foi um sucesso extraordinário da Caixa Econômica Federal, com prêmios de melhor banco do País. E quando se faz uma avaliação dessas, é claro, se faz com crivo. Então, eu tinha que trazer o meu abraço de parabéns a vocês. Mesmo porque é uma instituição criada no tempo do Império e que está aí firme, mais firme do que nunca, e que poderá crescer ainda muito mais, para



ganhar uma hegemonia absoluta, que é o que nós desejamos, porque isso é bom para o Brasil.

Quero cumprimentar o vice-presidente de Atendimento, Carlos Augusto Borges,

O vice-presidente de Ativos de Terceiros, Bolivar Tarragó Moura Neto,

O vice-presidente de Controle e Risco, Marcos Roberto Vasconcelos,

O vice-presidente de Fundos de Governo e Loterias, Wellington Moreira Franco,

O vice-presidente de Gestão de Pessoas, Édilo Ricardo Valadares,

O vice-presidente de Finanças, Márcio Percival Alves Pinto,

O vice-presidente de Governo, Jorge Fontes Hereda,

O vice-presidente de Logística, Sergio Pinheiro Rodrigues,

O vice-presidente de Pessoa Física, Fábio Lenza,

O vice-presidente de Pessoa Jurídica, Carlos Antônio de Brito,

A vice-presidente de Tecnologia da Informação, Clarice Cápoti... Coppetti... Coppetti? Coppetti, perdão.

O diretor jurídico Antônio Carlos Ferreira. Me parece que diretor é só um, os outros são todos vice-presidentes, não é? Tudo bem, mas se houver outros diretores, eu cumprimento também os diretores.

Todos os superintendentes regionais aqui presentes,

Enfim, vejo que é uma reunião de formadores de opinião na Caixa Econômica e elementos que assumem responsabilidades especiais nesse trabalho admirável da Caixa.

Então, minha palavra é trazer o abraço do presidente Lula para vocês. Claro que se ele estivesse aqui, ele gostaria também de estar presente, porque é um momento importante e a Caixa trouxe grande alegria ao seu governo, pelo trabalho que realizou durante todo esse ano de 2009 e antes também, durante o governo presidido por ele. Então, eu não poderia deixar de trazer essa incumbência, o abraço dele, com votos de muito sucesso para vocês



nesse trabalho não só de avaliação, como de projeção, de programação do que se vai fazer em 2010.

Então, eu gostaria muito de dizer para vocês que, de fato, a minha vida tem sido, no governo, condenar o regime de juros no Brasil. Isso não significa condenar a Caixa Econômica, mesmo porque a Caixa Econômica é campeã, também, de juro baixo. Mas esse juro baixo perto dos juros vigentes no mercado internacional ainda é muito alto. Mas é obvio que a Caixa não pode, também, agir diferentemente. Os juros que eu tenho criticado são a taxa básica. A taxa básica aqui no Brasil se chama Selic. Há uma instituição que publica constantemente informações de 40 países, que também tem o Banco Central, e que adota os juros como instrumento de política monetária, por exemplo, no combate à inflação e coisa que o valha. E isso é um fato em toda parte.

Pois bem, essas taxas, hoje – estou falando de taxa básica cobrada, ou paga, ou assumida por esses governos. A do Brasil fez com que nós gastássemos na rubrica relativa aos juros com que nós rolamos nossa dívida, nós gastássemos mais de um trilhão nos sete anos, que já praticamente terminaram, e poderá chegar a muito perto de 1 trilhão e 200 bilhões até o final do governo, que é 2010.

Pois bem, a taxa básica média nominal, que foi adotada durante esse período para que chegássemos a esse número, foi uma taxa parecida com coisa aí de 14[%], 15%, taxa nominal média desse período. Porque quando nós chegamos, ela estava em 25[%]. Já no nosso governo, ela subiu para 26,5[%] e depois começou a cair. Ficou em 19,5[%], 20[%], ficava por aí, passava-se muito tempo... Pois bem, hoje ela está em 8,75[%]. Eu tenho lutado contra isso durante todo o tempo. Por quê? Primeiro, porque nós estamos gastando muito dinheiro na rolagem da dívida pública que é alimentada, em grande parte, pela taxa básica da Selic, até no próprio *overnight*, quer dizer, não tem nem prazo. É um dinheiro disponível com uma taxa alta. Para vocês terem uma ideia: a taxa



de juros praticada por qualquer instituição financeira a longo prazo... é claro que ela é um pouco superior à taxa cobrada para o curto prazo.

Pois bem, nós temos a TJLP, que é praticada pelo BNDES – que é 100% do Tesouro Nacional –, é praticada a 6,25[%] hoje. Praticada para quê? Para financiamentos de longo prazo. Há casos de determinados projetos que contemplam 12... 10 anos de prazo, com três anos de carência. Outros, 8 anos; outros, 5 anos; 3 anos; são todos financiamentos de longo prazo. A taxa é de 6,25[%], a chamada TJLP. Sobre essa taxa há a cobrança de um *spread*, que varia entre 2[%] e 4%. Os casos contratados diretamente com o BNDES, normalmente, são acrescidos de 2%. Mas há os casos contratados por rede bancária, que são recursos do BNDES, pela taxa TJLP mais um *spread*, e nesse caso é 4%, além das reciprocidades cobradas pelo sistema financeiro nos financiamentos desses projetos. Então, essas coisas são pesadas.

Outra razão pela qual eu me bato contra a taxa básica: você pode adotar, e é natural que se adote, uma política de juros para combater a inflação. Mas a primeira coisa, quando você adota um instrumento de combate a alguma coisa, a uma doença – e não há doença pior do que a inflação –, você precisa de um diagnóstico correto e seguro para que você não aplique um remédio errado. Então, a taxa de juros alta inibe consumo e inibe investimento. Ela foi criada para combater a inflação, através da inibição do consumo e do investimento, do achatamento do consumo e do investimento. Se você fizer uma análise, você chega à conclusão de que o Brasil, ainda que seja um país dos melhores do mundo, ainda é um país de subconsumo. Tanto que o Presidente tem tido o cuidado de dizer para as pessoas que não parem de consumir, de comprar aquilo que precisam, porque ele gostaria muito de ver a economia aquecida.

Ora, paralelamente, o Copom adota uma política monetária de achatamento do consumo, o que é um contrassenso. Achatamento do consumo que não pode ser achatado em mais de 50% da população brasileira



que consome o essencial, para não dizer que ainda vive num regime de subconsumo. Então, você não tem como achatar o consumo de quem não consome. Então a taxa, para grande parte da população, é inócua para combater a inflação, mesmo porque a inflação no Brasil não é de demanda. A inflação no Brasil é, em grande parte, provocada pela inércia da inflação passada, que chegou, em um período, de 80% ao mês. Quarenta por cento ao mês, ela durou grande tempo, e mais tempo ainda na faixa de 10% ao mês, que todos trabalhavam com uma expectativa de 200% ao ano, porque é isso o que dá 10% ao mês.

Então, isso tudo nos levou a trazer como inércia daquelas taxas altas, hoje no mercado. Então, as pessoas falam: “O juro caiu muito. Houve um tempo em que nós pagávamos muito mais”. Só que não pagavam. Ao contrário, era taxa negativa. Em muitos casos eram taxas negativas, porque qualquer financiamento que você fazia em banco, com algum prazo e com taxa fixada, ainda que tivesse correção monetária, a taxa, de certa forma, era negativa. Porque havia casos de financiamento sem correção monetária, como era o caso, por exemplo, dos fornecimentos das empresas nacionais a compradores que recebem prazo de dois, três meses para pagar. Aquilo tudo era feito sem correção monetária. Por quê? Porque fazia parte do esforço de venda, sem correção monetária. E era sem correção monetária mas, às vezes, a inflação era 40% num mês. Então, era uma coisa arrasadora. Então, aquele tempo não serve de base.

Quando foi criado o real, foi criado para que se acreditasse nele. Então, a correção monetária tinha que desaparecer. Mas começaram, no governo passado, a fazer privatizações, privatizações de setores concessionários de serviço público, como transporte e energia. E essas concessões já pressupõem a existência de um monopólio. Se é uma concessão, é porque é um monopólio. Tem que haver, naturalmente, um órgão que conceda poderes para que a atividade seja exercida, no caso de energia elétrica, no caso de transporte e



outros casos que são objeto de concessão.

Pois bem, começamos a fazer então, no governo passado, privatizações. E privatizações impensadas. Por quê? Porque essas privatizações acabaram contemplando, nos contratos de concessão, uma rubrica... uma cláusula com correção monetária, com base no IGP-DI e algumas outras. A taxa de inflação é IPCA, me parece, e eles faziam... também tinha cláusulas que não era o IPCA. Era o IGP-DI, IGP-M, ou coisa que o valha.

Pois bem, o certo é que nós tivemos aumentos de tarifas públicas que foram danosos para o nosso controle da inflação, porque havia determinados setores que são importantíssimos, como o caso, por exemplo, de energia elétrica, que num determinado momento subiram muito acima do IPCA, e que nem deveria existir mais, porque se acabou com a inflação num momento em que se pensava numa moeda forte, realmente forte. Então, não tinha que falar em correção monetária, não é? Mas houve isso. E nós estamos, aí, vivendo com essas taxas de juros, que estão erradas. Por quê? Porque elas não nos deixam competir, em igualdade de condições, com o mercado internacional, e a economia é cada vez mais globalizada hoje.

Então nós temos que chegar lá. O Brasil é país de primeiro mundo, e a Caixa Econômica pode dar o exemplo, como vem dando, porque é campeã de taxas mais baixas. Ela pode dar o exemplo. Por quê? Porque é uma instituição econômica, viável, competitiva. Então, ela pode dar o exemplo. Então, ela presta um grande serviço também nesse particular, e esse grande serviço não pode ser prestado sem levar em consideração que é preciso que haja uma remuneração do seu patrimônio líquido, o que tem também acontecido. E isso é um fato que nos traz aqui também para cumprimentar, Maria Fernanda, você e todos os seus companheiros de diretoria pelo resultado da Caixa Econômica Federal, que tem que ser um resultado bom, porque o lucro não é problema, não. O problema é o prejuízo. O lucro não é pecado. Nós temos que aprender, no Brasil, a aplaudir o lucro, a prosperidade empresarial, porque é através da



prosperidade empresarial que nós alcançaremos a prosperidade da economia. Nós precisamos de uma economia próspera, forte, independente. Cada empresa é uma fração dessa economia. É preciso que as empresas, portanto, sejam fortes, prósperas e independentes. Para isso, tem que haver lucro. Então, nós temos que aplaudir o lucro. É claro que nós estamos nos referindo a lucro honesto, e a Caixa Econômica é também exemplo de honestidade em tudo o que faz. Agora, brigar contra os juros, eu vou continuar brigando.

Por exemplo, vou contar para vocês. Eu comecei a minha vida muito jovem. O meu pai me emancipou aos 18 anos e eu abri uma pequena loja, uma microloja de tecidos. Eu tinha muito crédito porque eu trabalhava no balcão da melhor casa de tecidos de Caratinga, que era a Casa Bonfim, e ajudava o meu patrão nas compras, porque ele queria que eu ficasse ao lado dele, e quando chegava um representante comercial e abria o mostruário, ele queria que eu ajudasse. Então, os representantes me conheciam e gostavam de mim, e me deram muito crédito. Foi também a razão pela qual eu pude manter essa lojinha, com 15 contos de empréstimo do meu irmão, 15 mil cruzeiros. Ele morava em Ubá, e a loja era em Caratinga. Ubá é uma cidade da Zona da Mata também, mas é longe.

Então, ele dizia assim: “Você vai depositar todo mês, no Banco Hipotecário e Agrícola do estado de Minas Gerais, 225 cruzeiros para crédito de minha conta em Ubá, no mesmo banco”. Eu fazia isso, todo mês. O gerente do Banco Hipotecário, que se chamava Geraldo Santana, que era o mesmo nome do meu irmão, Geraldo... O meu irmão era Geraldo Gomes da Silva e ele era Geraldo Santana. Então, o senhor Geraldo Santana disse assim: “Por que, meu filho” – ‘meu filho’, porque eu tinha 18 anos –, “por que, meu filho, que todo mês você deposita 225 cruzeiros para crédito de Geraldo Gomes da Silva, em Ubá?” Eu disse assim: Seu Geraldo, ele é meu irmão. Geraldo Gomes é meu irmão. Ele me emprestou 15 mil cruzeiros e me cobra 1,5% de juros e pediu que eu depositasse aqui, a crédito... para crédito da conta dele lá. Ele



disse: “Oh, o seu irmão não pode cobrar esses juros. Tem a Lei da Usura, 1933, Getúlio Vargas. Juro é de 1%, no máximo. Eu vou te emprestar os 15 mil cruzeiros, você paga o seu irmão, que eu vou lhe cobrar 1%”. Eu falei: Seu Geraldo, eu não posso. Ele é mais velho do que eu quase 18 anos - porque nós éramos 15, eu sou o 11º de uma família de 15, e ele era o mais velho. Então, eu não posso. Ele me pediu... ele pediu a papai que me emancipasse e papai me emancipou, ele me emprestou esse dinheiro, eu não posso. “Então, você fala com ele que ele não pode cobrar de 1,5%, não. Isso não pode, a lei não permite.” Está bom. Um belo dia, o Geraldo apareceu em Caratinga, meses depois. Então, tinha um jantar, coisa e tal: Geraldo, o seu Geraldo Santana, do Banco Hipotecário, falou que tem a Lei da Usura, 1933, Getúlio Vargas, que não pode o juro ser mais do que 1% ao mês, e você está me cobrando 1,5[%]. Ele disse assim: “Nunca te cobrei juros”. Eu falei: Mas como? Eu deposito todo mês. Não tem chegado a Ubá? “Não, tem chegado tudo direitinho, mas aquilo não é juro.” Então, o que é aquilo? “É aluguel do dinheiro.” Bom, mas que diferença faz? “Faz muita diferença. Você tem que ir lá, agradecer ao seu Geraldo Santana porque ele te ofereceu crédito, mas você não pode fazer isso. Por quê? Daqui a 120 dias vence a Letra” – não falava promissória, não –, “vence a Letra e você tem que pagar. E você não tem nada. Você vai... Você pensa que a sua lojinha tem liquidez para ser vendida a mercadoria e fazer esse dinheiro todo para pagar? Não tem. Então, você tem que agradecer a ele, porque comigo você não paga... Você só paga o aluguel” – ele não falava juro –, “você só paga o aluguel.” Eu falei: Ah, tá bom, quer dizer que você doou para mim o principal? “Não, não doe, não. Você vai... Nós vamos ver, todo ano eu venho aqui para assistir você fazer o balanço, você vai crescer, vai fazer capital. Quando você fizer um capitalzinho, que nós pudermos fazer uma planilha, aí você vai amortizando parte do principal, e sobre o saldo devedor você paga um aluguelzinho, que é esse aluguel...” – aluguelzinho. Ele não falava juro de jeito nenhum, porque juro era proibido –,



“esse aluguel.” Tá bom.

E assim foi feito. Eu falei com o seu Geraldo Santana, e o senhor Geraldo Santana disse assim: “O seu irmão tem razão, porque aqui eu só posso fazer a 120 dias de prazo. É verdade que eu posso fazer uma reforma: você paga 20% e a gente reforma os 80% em mais 120 dias. Mas, de qualquer maneira, de fato ele tem razão”. E assim foi feito, e aquilo ficou na minha cabeça. Então, eu tenho uma certa preocupação com taxa de juros.

Mas a minha preocupação hoje, a minha preocupação hoje, Maria Fernanda, a minha preocupação hoje é a seguinte: é que o Brasil... nunca o Brasil alcançou o patamar a que chegamos, e graças ao trabalho do presidente Lula no exterior e em toda a parte. Hoje o Brasil cresceu, o Brasil hoje é acreditado em qualquer lugar onde você chega. As pessoas querem saber: “Como é que vocês conseguiram realizar esse trabalho tão bonito?” No campo da economia e no campo, também, das relações internacionais. É uma coisa admirável.

Então, nós somos, hoje, um país considerado país de primeiro mundo. Saiu agora, esta semana um artigo do Zapatero, que é o primeiro-ministro da Espanha, sobre o presidente Lula, que todos os brasileiros têm que ler aquele artigo. Ele fala que o presidente Lula assombra o mundo. “Assombrar” é um verbo muito utilizado em espanhol para dizer... vamos dizer, “arrebata”, ou coisa que o valha. O certo é que ele fala: “Assombra o mundo”. Mas um artigo grande e muito bem escrito pelo primeiro-ministro Zapatero, da Espanha, reconhecendo o trabalho admirável que é feito pelo governo brasileiro, especialmente nessa questão de sair dessa crise, uma coisa extraordinária. E muitas outras razões que levam o Zapatero a escrever esse artigo sobre o presidente Lula. Então, o Lula hoje é um presidente acreditado.

Mas o regime de juros – não é a Caixa Econômica –, o regime de juros no Brasil está errado. Por quê? Nós não somos um país de Terceiro Mundo. Nós somos, hoje, um país de Primeiro Mundo e precisamos ir chegando –



como tem acontecido, mas muito lentamente –, ir chegando mais depressa a um patamar correto. A taxa básica média real, a taxa básica média real do mundo é, hoje, coisa de 1%. A taxa básica média real, ao ano, é coisa de 1%. Então, se a nossa é de 8,25[%], você estabelece aí uma expectativa de inflação de 4[%]. Então, a grosso modo, seria 4[%] a taxa básica real nossa. Ainda assim, ela é quatro vezes superior à taxa básica média dos 40 países, dentre os quais está o Brasil.

Então, isso não pode continuar, isso tem que... Porque é um desperdício pagar essa taxa, pelo Banco Central. É o Tesouro pagando mais do que... O Tesouro, através do BNDES, recebe através da TJLP. Então, isso está errado. Então, é preciso que vocês aproveitem esta oportunidade para refletir um pouco sobre isso. Vocês são todos banqueiros, e banqueiros fortes, porque são do banco campeão, que é a Caixa Econômica Federal, a quem eu trago o meu abraço de congratulações.

E podem estar certos de um aliado, porque eu sempre admirei o trabalho da Caixa, durante toda a minha vida. É claro que ela passou por momentos infelizes, (incompreensível), um momento recente. Então, essa é mais uma razão pela qual eu os cumprimento. E é preciso que vocês façam mesmo uma reunião como esta, também de trabalho e de conagraçamento pelo que aconteceu, e para fortalecer os compromissos de continuar trabalhando dessa maneira para elevar a Caixa ao lugar que lhe cabe no concerto dos bancos nacionais e internacionais. É a Caixa Econômica Federal de que todos nos orgulhamos.

(\$22A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa**

Discurso do Presidente da República em Exercício
